

O MERCADO DE TRABALHO E A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO: LITERACIAS DA INFORMAÇÃO E DIGITAIS

Francisco Carlos Paletta¹, Beatrice Bonami Rosa²

¹Universidade de São Paulo, 0000-0002-4112-5198, fcpaletta@usp.br

²Universidade de São Paulo, beatrice.bonamirosa@gmail.com

RESUMO O objetivo deste trabalho é promover um estudo sobre como a demanda do mercado por habilidades em informação impulsionou a formação de profissionais nesse ramo e influenciou o estudo das literacias da informação e digitais desde os primeiros anos do ensino básico até os cursos superiores de graduação e profissionalizantes. Esta pesquisa de caráter teórico e qualitativo foi arquitetada sobre a busca e leitura de artigos em bases de dados e referências específicas do campo da Informação e Educação. Oferece como resultado um panorama holístico sobre o mercado profissional da informação e um processo educacional que se inicia desde as primeiras idades e constrói cidadãos como pilares democráticos na sociedade do conhecimento na era da informação.

PALAVRAS-CHAVE *Literacias da Informação, Literacias Digitais, Profissionais da Informação.*

ABSTRACT This paper intends to promote a study about how the market demand on digital and informational skills boosted the professionals' training in this field and influenced the research over digital and information literacies since the first years of schooling until undergraduate and professional courses. The qualitative and quantitative research was structured over data base search engines and offers as a result a holistic overview about the information professional market demand and the educational process since the early ages for building citizens as democratic pillars in the information age's knowledge society.

KEY-WORDS *Information Literacies, Digital Literacies, Information Professionals*

COPYRIGHT Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>)

INTRODUÇÃO

O ambiente do Século XXI é afetado pelo fluxo intenso da mídia, da informação e da tecnologia digital. A inovação contínua na pesquisa e na prática se torna um ponto crucial, tanto para compreender esse fenômeno, quanto para formular novos arranjos no campo social, político, cultural e econômico.

Novas lógicas são configuradas para incorporarem as habilidades do novo milênio, tramitando entre o compartilhamento e a produção de conteúdo multifacetada. Esse arranjo se reflete nos serviços e funções econômicas, que se reinventam para coexistirem com práticas tradicionais de trabalho. Os recursos digitais têm se tornado uma variável de peso nos requisitos exigidos dos profissionais do século XXI, tarefas que derivam desde a manipulação básica de software e hardware até a produção de

conteúdo em uma morfologia sofisticada. Naturalmente, uma tendência que vem sendo requerida de profissionais denota um maior envolvimento de uma formação que prepare seus estudantes para os desafios da era digital.

Porém o desafio de se formar um cidadão crítico e autônomo em um ambiente informacional precede o nível superior de educação e passa a ser uma diligência dos níveis mais básicos de ensino. Dessa maneira, os conceitos de literacias de informação e literacias digitais se tornam proeminentes nesse contexto, o que assume certa atenção na pesquisa transdisciplinar entre Comunicação, Informação e Educação.

Paul Gilster (escritor americano e especialista em inglês medieval) cunhou o termo em 1997 em seu livro “*Digital Literacy*”, utilizando o conceito para designar “a habilidade de entender e utilizar a informação de múltiplos formatos e proveniente de diversas fontes quando apresentada por meio de computadores” (GILSTER *apud* PASSARELLI, 2010, p. 83). O termo não se esgota na aquisição de habilidades, mas expande-se para as formas do cotidiano dos sujeitos. Segundo Passarelli (2010), essa extensão lógica da própria Literacia é diretamente proporcional à extensão da experiência da leitura tradicional.

O objetivo deste trabalho é explorar no subtema “Formação em Ciência da Informação e Perspectivas Profissionais” a abordagem do mercado de trabalho e a formação do profissional da informação do ponto de vista da experiência do usuário como um indivíduo que desenvolve suas literacias digitais e da informação nesse contexto não só para fins profissionais, mas como uma formação para a vida.

METODOLOGIA

A delimitação de termos e fontes de informação tem incutido pesquisas expressivas no Campello (2006) descreve os instrumentos de controle bibliográfico com ênfase em suas aplicações no país. Discute em seu texto que o ambiente informacional se tornou complexo, não só fruto do volume de publicações, mas da vasta gama de tipos de materiais a serem catalogados. A catalogação¹ continua sendo um instrumento de trabalho eficiente. Contudo, em uma era digital, depende da articulação com os novos recursos informacionais.

Para fins de busca dos documentos e dados a serem descritos neste trabalho e de outros materiais para composição do referencial teórico, foi identificado que o primeiro passo, para a determinação da qualidade do material a ser acessado, é a procedência do banco de dados. Para tanto, esse Guia foi utilizado para o mapeamento das bases acessadas neste trabalho. A partir de então, com base nas estratégias descritas na sessão anterior, se estabeleceu os seguintes procedimentos de avaliação:

- ✓ Para checagem da qualidade dos materiais coletados:
 - Procedência do autor (vínculo institucional e outras publicações);
 - Procedência do veículo de publicação (editoras, jornais e revistas); e
 - Processo de *Double Peer Review* (no caso de artigos ou capítulos de coletâneas).

¹ Definição de catalogação: “descrição das características dos documentos que formam as coleções em bibliotecas e em bases de dados” (Campello, 2006, p. 57).

- ✓ Para checagem da relevância dos materiais em relação à pesquisa:
 - Seleção pelo título do material;
 - Leitura do resumo ou *abstract*;
 - Revisão das palavras-chave ou *key-words*;
 - Leitura do texto (se atender os três quesitos elencados acima); e
 - Avaliação de conteúdo relevante para o estudo.

LITERACIAS DA INFORMAÇÃO

Os profissionais em biblioteconomia se apresentaram como potenciais protagonistas no processo de ampliação das literacias da informação para além do ambiente da biblioteca, de maneira que a expressão integrasse as esferas social, profissional e educacional. Guardadas as devidas referências de tradução para outras línguas, a conceituação de “literacias da informação” se aproxima da expressão “Infoeducação” (Perrotti & Pierrucini, 2005) que, apesar dessa última ser derivada de um cenário mais recente, versa sobre a informação demandar de seus usuários um conjunto complexo de habilidades, situação enfatizada pelo panorama da WEB, devido ao massivo volume de dados disponíveis na rede.

Segundo Carlsson, Tayie & Jacquinot-Delaunay *et al.*(2008) as literacias da informação são as habilidades em usar a informação e as tecnologias de comunicação, aplicadas ao acesso e a criação de conteúdo e produção de conhecimento. Isso se estende desde saber usar computadores (*softwares* e *hardwares*) até a reflexão crítica da natureza da informação. É também a capacidade de avaliar a infraestrutura técnica e o impacto social, cultural e filosófico, e a capacitação de pessoas para procurar, avaliar e criar conteúdo efetivamente, com o fim de atingir objetivos pessoais, sociais e educacionais.

A expressão foi cunhada por Paul Zurkowski em seu relatório “*The Information Service Environment: relationships and properties*” (O ambiente do serviço de informação: relações e propriedades), publicado em 1974. Em seu trabalho, Zurkowski (bibliotecário norte americano) descreveu uma gama de produtos e serviços providos pela esfera privada e suas associações com as Bibliotecas. Dois anos depois, o termo *literacy* reapareceu (de maneira mais abrangente) ligado à habilidades e conhecimentos (conotação adotada atualmente), já que não se tratava só da busca pela informação no contexto da biblioteca, mas também de seu uso e aplicação na educação. Porém, a era da informação data de aproximadamente 40 anos antes.

Segundo Holmberg (2013), foi em 1931 que se preocupou com as abordagens científicas da educação dos bibliotecários. A missão das escolas de biblioteconomia começou a se expandir na década de 1960, deixando um pouco de lado o campo da biblioteca e ampliando as pesquisas na direção das ciências da informação.

A alteração no léxico bibliotecário foi gradual e na década de 1970 foi a primeira mudança de nomenclatura. Em 1974 a Universidade de Syracuse nos Estados Unidos alterou o nome do seu curso de Biblioteconomia para *School of Information Studies* (Escola de Estudos de Informação), operando sobre uma nova base lógica, constituída pelo seu nome “*Information*”. A intenção era dobrar o panorama do programa de Biblioteconomia - de achar e usar a informação - ampliando as disciplinas acadêmicas.

Já na década de 1980, a noção de *information literacy* assumiu um sentido de capacitação em informação. Essa capacitação passou a ser necessária nos currículos (fossem escolares ou profissionais).

Era um conjunto integrado de habilidades, conhecimentos, ferramentas e recursos, desenvolvidos a partir de atitudes tomadas pelo sujeito. Zurkowski declarou que “pessoas treinadas em aplicação de recursos da informação no trabalho podem ser chamadas de habilitadas em informação” (Zurkowski *apud* Addison & Meyers, 2014, p. 2 – Tradução Nossa). O termo tornou-se parte da constelação dos significados de literacia.

Pode-se analisar as literacias de informação sob três aspectos: as literacias de informação como uma aquisição de habilidades da era da informação; como o cultivo dos hábitos da mente; e como o engajamento em práticas sociais ricas em informação. De acordo com Addison & Meyers (2013) essas perspectivas são encaradas, como as fases históricas do termo representadas por três abordagens diferentes.

A primeira abordagem se refere às literacias da informação como um conjunto de habilidades e comportamentos adquiridos pelos usuários dos sistemas de informação. Segundo Addison & Meyers (2013), a *American Library Association* – ALA (Associação Americana de Bibliotecas) descreve que “para ter habilidades em informação, a pessoa deve reconhecer quando a informação é necessária e ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação necessária” (Meyers & Addison, 2013, p. 3 – Tradução Nossa).

Na perspectiva educacional, essa abordagem posiciona as literacias de informação como um conjunto de habilidades, porém combinadas com as especificidades desenvolvidas pelos estudantes associadas às habilidades dependentes de questões comportamentais e ambientais.

Muitas instituições apoiam essa versão das literacias de informação como aquisição de habilidades e competências a fim de fomentar um modelo educativo sustentável. Um dos desafios nessa abordagem é a deficiência dos comportamentos em relação às tecnologias de informação provocando uma hierarquia entre quem ensina técnicas e o uso de ferramentas, sobre aqueles que dependem dessas instruções para desenvolverem suas habilidades, pois:

“A conceitualização das Literacias de Informação como um conjunto de habilidades adquiridas pelo indivíduo através de instruções diretas, comumente através de intermediação de profissionais da informação, é salientemente e fortemente situada nas referências sobre Biblioteconomia e Ciências da Informação. Essa perspectiva tem grande apoio institucional, devido em parte à ênfase sobre a medição e prestação de contas. Contudo, pode levar a oportunidades frágeis de ensino e aprendizado e pode encontrar pouco apoio entre novos educandos que acessam suas competências com as tecnologias de informação atuais” (Meyers & Addison, 2013, p. 5 – Tradução Nossa).

A segunda perspectiva sobre literacias de informação é fundamentalmente cognitiva e associada à noção do desenvolvimento de hábitos da mente para facilitar o trabalho da informação. Nessa abordagem, o indivíduo desenvolve as literacias de informação, não através de um tutor, mas através de uma nova lógica e forma de pensamento a partir do momento que ele se conecta à informação ou a problemas relacionados a ela.

Esse viés é um *Problem Based Knowledge* (Conhecimento Baseado em Questões Problema) e defende o desenvolvimento do indivíduo quando exposto a problemas, seja em sala de aula ou no seu cotidiano. Porém, eles são limitados já que não trabalham com vários tipos de problemas a serem solucionados, mas apenas algumas questões modelos. Além disso, alguns dos problemas trabalhados em classe não têm relação com o contexto social, cultural e político do estudante, causando assim uma disparidade entre esses ambientes.

“A dimensão da contextualização da literacia da informação é um ponto de discórdia entre os estudiosos da área. Outro desafio importante é a fragilidade destes modelos, tanto na sua capacidade de descrever o mundo dos usuários, bem como a capacidade do aluno de compreender o modelo e aplicá-lo corretamente na situação no momento em que lhe demandarem” (Meyers & Addison, 2013, p. 7 – Tradução Nossa).

A terceira perspectiva encara as literacias de informação como um conjunto de práticas desenvolvidas envolvendo ferramentas e as mídias em contextos sociais e educacionais. Essas práticas são socialmente construídas e situadas tanto dentro quanto fora dos muros da escola. É uma perspectiva próxima das “*Multiliteracias*”, em que as literacias são capacidades exercidas de maneira autônoma, frente aos novos desafios das novas mídias e tecnologias. Porém, enquanto privilegia o desenvolvimento dessas habilidades, existe a dificuldade do acesso e da própria complexidade dos sistemas de informação, o que pode ser uma barreira para o aprendizado.

Um importante aspecto das literacias da informação é a sua relação com as bibliotecas e a ciência da informação, já que foi um conceito oriundo desse contexto e por um período de tempo, foram seus estudiosos os mantenedores de sua vigência. Graças aos bibliotecários da década de 1980, o conceito ultrapassou as estantes dos livros e começou a ser aplicado em um contexto educacional mais amplo. Foi com a terceira abordagem que as literacias de informação se relacionaram com as mídias e deixaram sua restrição no campo da biblioteconomia, complementada pela noção de literacias de mídia e de literacias digitais, conceitos derivados da mesma raiz (literacias) e desenvolvidos praticamente ao mesmo tempo (no caso das literacias de mídia).

As três perspectivas representam a progressão conceitual das Literacias da Informação. Naturalmente, elas não são rígidas ou exclusivas e sim flexíveis, admitindo interpretações ao longo de sua breve história. Porém, levam muitas das características do campo da ciência da informação, bem como dos profissionais em biblioteconomia. Ainda, trazem similaridades interdisciplinares tanto com as literacias de mídia, quanto com as literacias digitais.

Os nativos digitais aparentam preferir a informação acessada rapidamente por um dispositivo digital, ao invés de investir tempo e espaço procurando livros em uma biblioteca. Esses são alguns exemplos, pelos quais as literacias digitais se tornaram tão importantes no contexto das literacias da informação: por abarcarem habilidades direcionadas ao acesso das tecnologias digitais, principalmente o acesso à Internet. Porém, essas habilidades, não são identificadas com clareza devido à constante mudança tecnológica.

“Por mais que haja um grande consenso de que Literacias de Mídia e Literacias Digitais são de vital importância para os estudantes de hoje, as habilidades que constituem as literacias digitais não estão bem definidas, bem como não têm sido consideradas universalmente. O desafio é exacerbado pelo fato das tecnologias digitais transformarem e mudarem rapidamente, em um nível que extrapola o desenvolvimento do currículo” (Humrickhouse, 2011, p. 11 – Tradução Nossa).

No entanto, é interessante entender quais são essas habilidades desenvolvidas pelas literacias digitais, apesar da morfologia efêmera dos recursos em rede. Segundo Borges (*in* Passarelli, B., Malheiro, A. & Ramos, F. 2014), uma transição importante entre literacias da informação para as literacias digitais é a posição do indivíduo dentro do processo de comunicação, já que antes ele assumia uma posição participativa e a partir de então, assume a posição de protagonista.

“O uso do ciberespaço como meio de expressão individual e comunicação social requer competências que permitam a atuação efetiva e criativa de produtores, consumidores e gestores da informação. Quais competências são essas? Alguns autores vêm se referindo a elas como um conjunto de competências requeridas para exercer comando sobre a produção de significado e de conhecimento potencialmente propiciados pela Internet” (Borges, 2014, p. 129).

Porém, a hierarquia da informação bem como o fenômeno das redes digitais tem aplicações institucionais importantes, alterando currículos e nomenclaturas das escolas de Ciências da Informação. O próprio campo das Ciências da Informação foi instituído pelo constante avanço tecnológico e a necessidade de adequação à padrões de comunicação cada vez mais complexos.

O quadro síntese abaixo oferece uma sistematização dos principais marcos no desenvolvimento do termo de literacias da informação.

QUADRO SÍNTESE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE “LITERACIAS DA INFORMAÇÃO” da década de 1960 ao ano 2000

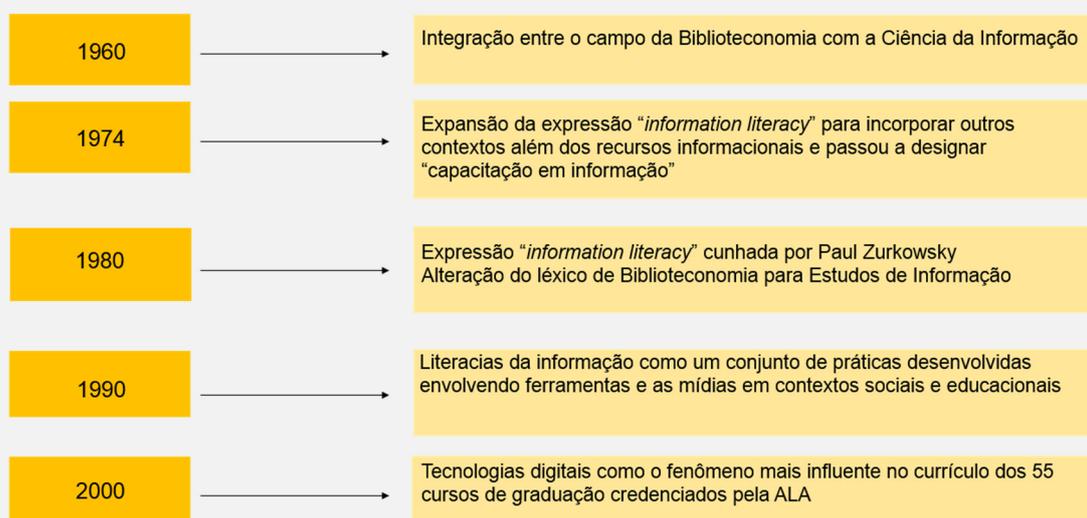


Figura 1: Quadro Síntese sobre a Emergência do Conceito de “Literacias da Informação” da década de 1960 ao 2000

FONTE: Bonami, 2016

É pela ênfase tecnológica que se torna mandatório delimitar as literacias digitais e estabelecer como elas influenciam, modificam, melhoram, atrapalham e transformam o ensino, tanto básico, quanto superior.

CONCLUSÕES

Na medida em que o mundo se sofisticava e se diversificava, as competências exigidas do profissional da informação, que num primeiro estágio é eminentemente técnica, alargam-se e passam a englobar outras responsabilidades. É necessário pensar em uma qualificação holística, valorizando habilidades gerenciais, metodológicas, culturais, multidisciplinares e sistêmicas.

O conceito de literacias digitais implica nos usos efetivo e criativo da informação no ambiente laboral ou quando aplicado ao campo informacional, é pensado como um processo vivido pelo sujeito, nas suas

interações com a tecnologia de maneira consciente, mediado pelas interações hiper-midiáticas propiciadas pelo contemporâneo conectado. O desenvolvimento permanente dessas competências é revestido sob uma perspectiva emancipadora, tornando o sujeito autônomo e potencialmente capaz e criativo.

O papel da formação técnica, contudo, não deve ser minimizado. Esse processo não envolve somente a garantia de uma boa formação técnica dos futuros profissionais da informação. É preciso encontrar também maneiras de desenvolver novas competências, como capacidade de gestão, comunicação e liderança, qualidades cada vez mais exigidas pelo mercado de trabalho global.

AGÊNCIA FINANCIADORA

FAPESP Processo 2016/-7358-6

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Addison, C. & Meyers, E. (2013) *Perspective on Information Literacy: a framework for conceptual understanding*. In.: Information Research, vol. 18, (n) 3.

Bonami, B. (2016) *A Transdisciplinariedade das Literacias Emergentes no Contemporâneo Conectado: um mapeamento do universo documental das Literacias de Mídia e Informação (MIL)*. Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Campello, B. (2006) *Introdução ao Controle Bibliográfico*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2ª ed. 94 pp.

Holmberg, K. (2013) *The Conceptual Landscape of iSchools: examining current research interests of faculty members*. In.: Information Research. vol. 18 n. (3). Disponível em: <http://eric.ed.gov/?q=ischools&ft=on&id=EJ1044676>. Acesso: 23/10/2015.

Humrickhouse, E. (2011) *Information literacy instruction in the WEB 2.0 library*. Disponível em: <http://eric.ed.gov/?q=humrickhouse&ft=on&id=ED520720>. Acessado em: 08/10/2015.

Jenkins, H. (2008) *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2ª ed.

Junqueira, H. (2014) *Literacias Digitais no Ensino-Aprendizagem de Professores: uma abordagem netnográfica dos cursistas do Programa Redefor-USP*. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação – Universidade de São Paulo, Brasil.

Passarelli, B. (2016) *Mediação da Informação no Hibridismo Contemporâneo: um breve estado da arte*. In.: Revista Ci.Inf., Brasília, DF, v.43 n.2, p.231-240, ago/abril.

Passarelli, B., Junqueira, H. & Angeluci, A. (2014) *Interactive Generation Brazil Research: children and teenagers using computers, TV, games and mobile phones*.

Passarelli, B., Malheiro, A. & Ramos, F. (2014) *E-infocomunicação: estratégias e aplicações*. São Paulo: Editora Senac.

Perrotti, E. & Pieruccini, I. (2013) *Novos Saberes para a Educação do Século XXI*. In.: Mendonça, R. H. Martins, Magda, F. (orgs.) *TV, educação e formação de professores [recurso eletrônico]: Salto para o Futuro: 20 anos*. Rio de Janeiro: ACERP.

Scripps-Hoekstra, L., Caroll, M. & Fotis, T. (2014) *Technology Competency Requirements of ALA-Accredited Library Science Programs: an updated analysis*. In.: *Journal of Education for Library and Information Science*, vol. 55 n (1), p40-54. Disponível em: <http://eric.ed.gov/?q=ischools&ft=on&id=EJ1074314>. Acesso: 24/10/2015.

Zurkowski, Paul. *The Information Service Environment: relationships and properties*. In.: National Commission on Libraries and Information Science, Washington, D.C. National Program for Library and Information Services, 1974. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED100391.pdf>. Acessado em: 13/02/2017.